



## A formação de regentes corais: uma revisão de publicações brasileiras

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Felipe Damato de Lacerda*  
UDESC – *felipe.lascerdas@gmail.com*

**Resumo:** Este texto apresenta parte da revisão de literatura de uma dissertação de mestrado. O presente trabalho tem como objetivo discutir de que forma publicações brasileiras têm abordado aspectos concernentes à formação de regentes corais. Como resultado observou-se que a literatura levantada prevê uma diversidade de componentes para a formação de regentes corais incluindo: conhecimentos técnicos e musicais, gestual de regência, preparo vocal, liderança e habilidades pedagógicas.

**Palavras-chave:** Educação musical. Formação de regentes corais. Revisão de literatura.

### **Choral Conductor's Preparation: a Brazilian Publications Review**

**Abstract:** This paper presents part of a literature review of a master's degree dissertation. This work aims to discuss how Brazilian publications have approached the issues regarding choral conductor's preparation. As a result, the literature examined recommends a diversity of components to choral conductor's preparation including technical and musical knowledge, gestural communication, vocal preparation, leadership and pedagogical skills.

**Keywords:** Music Education. Choral Conductor's Preparation. Literature Review.

O presente texto aborda parte do relatório de uma pesquisa de mestrado concluída em agosto de 2018 (LACERDA, 2018), cujo objetivo geral era investigar como a formação em dois cursos de bacharelado em regência da Região Sul do Brasil contemplava a diversidade de funções e de espaços de atuação do regente coral. Atendendo à portaria CAPES nº 206, de 4 de setembro de 2018, informo que a dissertação que deu origem ao presente trabalho foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Aproveito a oportunidade para destacar minha profunda gratidão a todos os contribuintes do Brasil, sem distinção socioeconômica, fonte originária do apoio financeiro recebido por mim durante a realização desta pesquisa.

A revisão de literatura realizada para a dissertação supramencionada foi organizada em dois tópicos: formação de regentes corais e formação do bacharel em música no Brasil. Este último já foi abordado em outra publicação, onde, a partir de pesquisas focadas principalmente na formação e atuação de bacharéis em instrumento, problematizou-se um descompasso entre a formação de bacharéis em música e o campo de atuação profissional no Brasil:

Encontrou-se, na literatura, a presença de uma discussão atual sobre a “inevitável” atuação docente dos Bacharéis em Música, devido às dificuldades em se sustentar financeiramente com atividades de *performance*. Esse é um ponto que suscita muitos questionamentos, pois, mesmo que se considere a formação musical sólida como essencial para a formação desses profissionais, é preciso discutir se os cursos estão guiados por uma concepção onde a formação musical é o grande foco – e único, em vários casos – deste processo, sendo a formação pedagógica relegada a um plano secundário ou inexistente. Um curso de bacharelado não tem como missão formar professores, mas a grande maioria dos bacharéis em música atua como professor. É fundamental que se administre essa situação, estabelecendo com muito mais clareza a relevância de uma graduação cujo foco esteja distante das possibilidades de atuação profissional no futuro (LACERDA; FIGUEIREDO, 2018, p. 26-27)

Desse modo, objetivamos na presente comunicação discutir de que forma a literatura publicada no Brasil tem abordado aspectos concernentes à formação de regentes corais. Foram consultadas principalmente teses, dissertações, artigos em periódicos e em anais de eventos publicados no Brasil e que estavam disponíveis digitalmente na época de realização da pesquisa.

### **Aspectos da formação de regentes corais**

Na literatura consultada identificou-se um consenso sobre a necessidade de regentes corais possuírem uma formação musical consistente. Figueiredo (2006, p. 5) aponta que o regente coral necessita “boa formação musical geral, envolvendo solfejo, treinamento auditivo, harmonia, análise musical, domínio de um instrumento e outros itens comuns a todas as atividades musicais”. Na mesma direção, Ramos (2003) destaca:

O exercício da regência pressupõe conhecimento na área de técnica vocal, ouvido apurado para questões de afinação, timbre, precisão rítmica, desenvoltura com questões analíticas e musicológicas, domínio do repertório e das questões interpretativas de natureza estilística, muita cultura geral, literária e artística (RAMOS, 2003, p. 1).

Os apontamentos de Figueiredo (2006) e Ramos (2003) caracterizam um aspecto da formação comumente discutido por manuais de regência e outras publicações: o regente como intérprete musical.

A técnica gestual apresenta-se como outro aspecto frequentemente abordado. Figueiredo (2006, p. 6) afirma que é preciso que o regente coral tenha “a capacidade de desenvolver a comunicação através dos gestos, a famosa técnica de regência”. Já Lakschevitz (2006, p. 6) argumenta a favor do desenvolvimento de um “conceito ampliado de expressão gestual” ao olhar para a técnica de regência como uma ferramenta de comunicação sonora e não um fim em si mesma.

No entanto, Lakschevitz (2009), partindo da constatação da predominância de coros amadores no campo de atuação profissional de regentes, relata que podem ocorrer dificuldades no estabelecimento de uma comunicação gestual com o coro. Essa situação estaria presente, por exemplo, quando os cantores não compreendem os gestuais padronizados da regência em função de sua inexperiência na área. Nesse sentido, Lakschevitz (2009, p. 173) ressaltou sua necessidade em desenvolver “outras capacidades de expressão gestual” com o intuito de estabelecer a comunicação visual o regente e cantores dos coros participantes de sua pesquisa de doutorado, engendrando “uma relação muito mais intuitiva na comunicação entre regente e coro”. Assim, é perceptível que a técnica de regência, ainda que importante ferramenta na comunicação entre regente e cantores, pode necessitar de ações específicas, inclusive educacionais, para que seu potencial seja alcançado.

A função do regente como preparador vocal, um desdobramento de sua formação vocal, também tem sido abordada pela literatura (SILVA, 2017). Fernandes (2009, p. 198) afirma que o “desconhecimento da técnica vocal tende a limitar o regente. Além de colocar em risco a saúde vocal de seus cantores, sua função de intérprete pode ficar comprometida pela falta de habilidades vocais por parte do coro”. No mesmo sentido, Figueiredo (1990, p. 76) enuncia que “[o regente] não deve se isentar do conhecimento de técnica vocal para poder exemplificar e ajudar os cantores na realização do repertório. O regente coral deve saber que é antes de tudo, um professor de voz”.

No entanto, a capacidade do regente em ensinar técnica vocal não é uma consequência imediata e obrigatória de seu domínio vocal enquanto cantor, conforme discutido por Drahan (2007). A autora afirma que a pedagogia vocal é uma profissionalidade distinta de cantor artista, destacando diferentes percepções vocais associadas a essas atividades:

[A] percepção vocal do aluno (função interpretadora) e [a] percepção vocal do professor (função administrativa). O primeiro lado é a fase inicial do segundo. Nesta fase a sua tarefa está em controlar sua própria voz. Muitos cantores, aprendendo a cantar, param nesta fase inicial e nunca se aproximam da fase superior, seja por motivos de falta de consciência, vontade ou habilidade. A percepção vocal do professor, pelo contrário, exercita a função corretora (ou administrativa) de outra voz, portanto exige não somente o domínio sobre as sensações próprias, mas também a consciência sobre as sensações internas do aluno (DRAHAN, 2007, p. 72).

No mesmo sentido, Figueiredo (2006, p. 6) recomenda, além da preparação vocal do regente, o “desenvolvimento de uma didática para aplicação dessas técnicas [vocais] para coralistas”. A imposição do desenvolvimento dessa função está frequentemente associada à

predominância de coros amadores no campo de atuação profissional, onde os cantores possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre voz cantada. O regente também acaba por incorporar essa função, tendo em vista que em vários contextos não há um preparador vocal à disposição do coro.

A vivência de cantar em coro no processo formativo de regentes corais também é enaltecida pela literatura. Figueiredo (2006, p. 7) considera que “para se tornar um bom regente, é necessário que o candidato vivencie o cantar em coro, principalmente sob a orientação de um regente experiente [...]. Não é possível ser um bom regente de coro sem ter sido um cantor de coro”. Ramos (2003, p. 13, grifo do autor) amplia essa recomendação ao se comprometer com a noção de que “ensinar regência coral é promover uma **imersão** no meio, seja estudando, regendo, cantando, ensinando, tocando, administrando, ou quantas mais atividades paralelas o ambiente coral propicie e necessite”. Com isso, ambos os autores apontam que a formação do regente coral requer uma parcela significativa de aprendizado empírico, considerando que vivenciar a atividade coral, não apenas como regente, traz contribuições únicas.

Figueiredo (2006, p. 7) destaca um aprendizado essencial que só se pode obter ao cantar em coro: “só conseguiremos entender as necessidades de um coralista, quando nós também tenhamos sentido as mesmas necessidades, ao sermos coralistas”. Esse aprendizado se relaciona com o desenvolvimento da empatia do regente para com as necessidades dos cantores do coro. Assim, chega-se a um aspecto da atividade do regente coral associado ao relacionamento do regente com o coro, manifesto através de sua liderança.

Sobre liderança, Rocha (2004, p. 24) afirma que uma “relação construtiva entre regente e grupo depende de três fatores: a postura e o comportamento do líder, a forma de condução do grupo na implementação dos planos e a administração de conflitos”. Esse autor detalha, também, o que entende por “postura e comportamento do líder”, citando sete características: “autoridade pessoal, autodomínio, clareza de objetivos e de expressão do pensamento, capacidade de planejamento, empatia e capacidade de mobilização, poder de argumentação e sentido de reconhecimento” (ibidem). Nesses pontos, destacados por Rocha (2004), percebe-se não apenas questões concernentes à personalidade do regente, mas também tópicos objetivos sistematizáveis.

A liderança é frequentemente mencionada pela literatura como essencial para a atuação de regentes corais, contudo percebeu-se uma lacuna na sistematização do que seria essa liderança. Essa lacuna na pormenorização da liderança para a regência pode conduzir a uma crença de que “existem inúmeras personalidades e, liderar, não é algo que se possa

aprender, mas sim, uma característica inata” (CASTIGLIONI, 2016, p. 1353). Assim, para programas de formação de regentes, torna-se desafiador o estabelecimento de caminhos para que a liderança possa ser desenvolvida intencionalmente.

Rasslan (2013), que estudou nove edições dos Painéis FUNARTE de Regência Coral, em sintonia com o exposto por essa comunicação até este ponto, sintetiza os assuntos abordados nesses eventos:

[...] os conteúdos selecionados para a formação do regente foram os mesmos em todas as edições dos painéis, e incluíam: leitura musical entendida como uma capacidade de ler uma obra e entendê-la, o desenvolvimento do ouvido interno (capacidade de ler uma obra e ouvi-la internamente, sem o auxílio de um instrumento musical), conhecimento da área de técnica vocal, domínio de padrões de regência, possibilidade de realização de gestos expressivos, independência das mãos, afinação, consciência tonal, capacidade de liderança, conhecimentos de harmonia, estruturação, fraseologia, além de grande capacidade de gerenciamento interpessoal (RASSLAN, 2013, p. 150).

Na literatura consultada a questão de condução dos ensaios foi tratada por diferentes autores. Figueiredo (1990, p. 3), em sua dissertação intitulada “O Ensaio Coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical”, constata que “a performance é o reflexo de um momento anterior - o ensaio - e se ela não é bem-sucedida, algo está insuficiente na compreensão ou na preparação do grupo”. O autor relaciona a aprendizagem musical ao surgimento da compreensão que pode ser promovida pelo treinamento: “A aprendizagem acontece como um reflexo do treinamento se este possibilitar a compreensão. Sendo o treinamento uma etapa do processo de aprendizagem, a compreensão só será possível se houver transferência do conteúdo para uma nova situação” (FIGUEIREDO, 1990, p. 10).

Rasslan (2013) revelou que a metodologia e dinâmica de ensaio foram assuntos recorrentes nas edições dos Painéis FUNARTE de Regência Coral por ele estudados, evidenciando a relevância desta temática para a formação de regentes corais. Sobre o ensaio coral, o autor considera que a “dinâmica do ensaio depende do planejamento e organização do mesmo. Isso implica escolhas de repertório proposto, condizente com o nível do grupo, assim como a forma de aproximar repertório e cantores num processo de compreensão musical” (RASSLAN, 2013, p. 129).

A aproximação de repertório e cantores através da compreensão musical, mencionada por Rasslan (2013), pode ser associada a uma busca de objetivos artísticos e processos de ensino e aprendizagem musical no canto coral. Esse assunto também foi abordado por d’Assumpção Junior (2010, p. 241), ao mencionar a complexidade de se

“encontrar a justeza entre a excelência na *performance* e a procura por mecanismos para lidar com os obstáculos apresentados por aqueles ainda não aptos, através de uma conduta absolutamente educadora por parte do regente”.

A escolha de repertório, associada frequentemente a aspectos de educação musical da prática coral, é um dos pontos presentes na literatura consultada. Um dos critérios mencionados refere-se ao cuidado pedagógico do regente em “oferecer-lhe peças que, em sua opinião, pudessem levar o grupo a um melhor desenvolvimento musical” (ALMEIDA, 2016, p. 32). Lakschevitz (2009, p. 193) amplia esse critério ao afirmar que também é preciso considerar “o contexto sociocultural do cantor, suas características vocais, sua capacidade técnica e mesmo seu gosto musical, na escolha das canções e na confecção dos arranjos”.

Em alguma medida associada à escolha de um repertório adequado para diferentes grupos corais, também tem sido discutida na literatura a confecção de arranjos personalizados, como coloca Figueiredo (2006):

Uma demanda nova colocada aos regentes está na necessidade de virem a criar seu próprio repertório, principalmente ao fazerem arranjos. Todos nós sabemos da dificuldade cada vez maior de termos um coro equilibrado, no que diz respeito a seus naipes. Muitas vezes, a pesquisa de repertório se torna frustrante, ao constatarmos que aquilo que existe não se adapta ao coro que temos. Os regentes brasileiros se deram conta do problema e passaram a investir na criatividade, gerando novas alternativas para repertório (FIGUEIREDO, 2006, p. 6-7).

Assim, o arranjo vocal será mais uma função incorporada à de regência, o que trará implicações para a formação desses profissionais, pois exigirá que eles atuem na criação de conteúdo musical pautado não somente em critérios estéticos e normativos da música, mas também nas características, aspirações e limitações técnico-musicais do grupo em questão. Sobre esta faceta da atuação na regência coral, Oliveira (2017, p. 107), em seu estudo sobre a figura do regente-arranjador, constatou que “embora a maior motivação dos regentes para fazer arranjos seja a necessidade, também fazem por gosto, buscando um repertório que estabeleça algum tipo de identificação com o grupo, os arranjos de música brasileira colaboram nesse sentido”.

O estabelecimento de pontos de contato entre a regência coral e educação musical tem sido frequente em publicações brasileiras na área de canto coral. No entanto, percebeu-se que a literatura brasileira sobre o assunto, que muitas vezes é pouco específica sobre o que o regente coral ensina e o que os cantores de coro de fato aprendem de música, é ainda insuficiente para a constituição do cerne do que seria uma educação musical coral.

### **Algumas considerações**

Este excerto da revisão de literatura da dissertação de mestrado mencionada no início desta comunicação (LACERDA, 2018), em síntese, buscou estabelecer um panorama geral sobre a formação de regentes corais a partir da literatura brasileira sobre o tema. Verificou-se recomendações de que o regente tenha sólida formação musical, com o desenvolvimento de percepção, leitura e prática musical, além de outros conteúdos teóricos e práticos da área de música. A comunicação gestual também foi discutida, principalmente, em seu aspecto de expressão sonora, bem como a recomendação de que o regente vivencie a prática coral a partir de outras perspectivas. Foi abordada, também, a necessidade de que o regente busque se desenvolver, não somente como cantor, mas também como professor de voz. O aspecto de liderança do regente coral foi debatido com base em seu comportamento diante do grupo, bem como a forma como conduz a construção de relacionamentos no coro. A dinâmica e metodologia de ensaio foi contemplada através de seus aspectos organizacionais e de planejamento, além da importância da escolha criteriosa do repertório e a necessidade de elaboração de arranjos e, por último, foi estabelecida uma aproximação entre a regência coral e a educação musical.

Foi identificada na literatura consultada uma lacuna no tocante ao papel do regente coral como líder, em comparação com os aspectos musicais, pois, ainda que a valorização desta função tenha sido frequente, observou-se pouco aprofundamento nas especificidades da atuação do regente enquanto um líder de grupos humanos. Assim, esse é um campo que apresenta oportunidades para que futuras investigações contribuam para uma maior compreensão a respeito da liderança exercida por regentes corais.

As aproximações entre regência coral e educação musical, apesar de frequentes nas publicações levantadas, ainda são insuficientes para a construção de uma concepção sólida do que significa educação musical coral, a fim de que se tenha mais clareza da abrangência do papel do regente coral enquanto um educador musical, conduzindo à uma identificação real do profissional com sua atuação enquanto um propiciador de processos de ensino e de aprendizagem musical.

### **Referências**

ALMEIDA, Matheus Cruz Paes de. Escolhendo o repertório coral: uma tarefa de regentes? *Música Hodie*, Goiânia, v.16, n. 2, p. 25-34, dez. 2016.  
d'ASSUMPCÃO JUNIOR, José Teixeira. O regente de coro: educador e artista. In: I SIMPOM – SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 2010, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos...* Rio de Janeiro, UNIRIO, 2010. p. 232-243

- CASTIGLIONI, Paula. Habilidades fundamentais para o regente de coro amador: pluralidade musical, liderança e consciência do coletivo. In: IV SIMPOM - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 2016, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos...* Rio de Janeiro, UNIRIO, 2016. p. 1548-1556
- DRAHAN, Snizhana. *Ouvir a voz: a percepção da produção vocal pelo Regente Coral – método e formação*. 146 p. Dissertação (Mestrado em Música), USP, São Paulo, 2007.
- FERNANDES, Angelo José. *O Regente e a construção da Sonoridade Coral: uma metodologia de preparo vocal para coros*. 486 p. Tese (Doutorado em Música). UNICAMP, Campinas, 2009.
- FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: LACKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). *Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006. p. 6-49
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. *O Ensaio Coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical*. 144 p. Dissertação (Mestrado em Música). UFRGS, Porto Alegre, 1990.
- LACERDA, Felipe Damato de. *A formação do regente coral: um estudo a partir de dois cursos de bacharelado na Região Sul do Brasil*. 152 p. Dissertação (Mestrado em Música). UDESC, Florianópolis, 2018.
- LACERDA, Felipe Damato de; FIGUEIREDO, Sérgio. *Um mapeamento sobre a formação de regentes em cursos superiores no Brasil*. Revista *Vórtex*, Curitiba, v.6, n.3, 2018, p.1-29
- LAKSCHEVITZ, Eduardo. *Ensinando regência coral*. Oficina coral: 2006. Disponível em: <http://tecnicasderegencia.blogspot.com.br/2009/09/ensinando-regencia-coral.html>. Acessado em 10 set. 2016
- LAKSCHEVITZ, Eduardo. *Um canto comum: percebendo o coro de empresa como um mundo artístico*. 228p. Tese (Doutorado em Música). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEIRA, Carolina Andrade. *O regente-arranjador e a circulação do repertório de arranjos nos coros brasileiros*. 195 p. Dissertação (Mestrado em Música). USP, São Paulo, 2017.
- RAMOS, Marco Antonio da Silva. *O ensino da regência coral*. 107 p. Tese (Livre Docência). USP, São Paulo, 2003.
- RASSLAN, Manoél Câmara. *Painéis FUNARTE de Regência Coral (1981-1989): de política cultural à política curricular*. 161 p. Tese (Doutorado em Educação). UFMS, Campo Grande, 2013.
- ROCHA, Ricardo. *Regência uma arte complexa: técnicas e reflexões sobre a direção de orquestras e corais*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2004.
- SILVA, Luiz Eduardo. *O ensino e a aprendizagem da técnica vocal em coros amadores a partir da concepção de regentes e cantores*. 159 p. Dissertação (Mestrado em Música). UDESC, Florianópolis, 2017.